

Dinamarquês

Inglês

Francês

Italiano

Português

# CSJOURNAL

Congregação das Irmãs de São José de Chambéry

Novembro - Dezembro • Ano 2025 - n.º 6



## CONSELHO GERAL

## SUMÁRIO

### MENOS EM NÚMERO, MAIS CORAÇÃO

Irª Maria Cristina Gavazzi, CSJ

Conselho Geral



“**D**esperte o mundo” e “retorne ao coração”: duas poderosas imagens que Leão XIV entregou a mulheres e homens religiosos durante o Jubileu da Vida Consagrada e que, hoje, ressoam como um programa de vida.

Para a Irmã Simona Brambilla, prefeita do Dicastério dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida

Apostólica, a vida consagrada é um chamado para salvaguardar a esperança, cultivar a sinodalidade e renovar os carismas. O sinal mais eloquente que a vida consagrada pode oferecer ao mundo é “despertar o mundo”. O verbo “acordar” remete à atitude daquele que ajuda os outros a recuperar os sentidos; é uma expressão de cuidado, daquele que trabalha para que os sentidos humanos

#### CONSELHO GERAL

Menos em Número, Mais Coração CAPA

#### JPIC

EUA: COP 30 – “A COP do Povo” 3

Brasil: Irmãs de São José na COP30: Unindo Vozes na Defesa da Vida e da Casa Comum 5

#### CIF

CIF: Manual de Procedimentos Econômicos: Um Compromisso com a Gestão Orientada pela Missão 7

Novas Santas 8

#### PROVÍNCIA/REGIÃO/MISSÃO

Brasil: Vozes da Amazônia na Cúpula dos Povos: Uma Experiência Transformadora 9

Brasil: Que Esperanças e Desafios as Irmãs de São José Trouxeram da COP30? 10

França: Ateliê de Arte Floral: Sementes de Paz e Esperança 12

Índia: Nossa Peregrinação na França - uma jornada interior 13

Tanmaya: 70 anos de história, um ato de bondade 15



*Irmã Rosane Steffenon cumprimenta o Papa Leão XIV*

se abram, se reativem, se libertem do que pode desligá-los ou anestesiá-los.

“Retornar ao coração” é o lugar para redescobrir a centelha que animou o início da história de uma congregação, com uma missão específica que não termina e que nos é confiada, hoje. Um sinal que a vida consagrada é chamada a oferecer é o de atenção profunda, escuta ativa e humilde que sabe como ouvir o sussurro; que sabe como compreender os mais profundos desejos que estão no coração de uma pessoa e oferecer um espaço seguro para que tudo isso possa ser articulado e expresso.

Em sua homilia durante a Missa pelo Jubileu da Vida Consagrada, o Papa Leão

também nos falou da imagem da árvore que enche o mundo de oxigênio. É importante que, na vida consagrada, sejam criados espaços e caminhos para cultivar tanto as raízes quanto os brotos da árvore. Tudo isso pode ajudar a identificar e cuidar as raízes, para que elas penetrem, cada vez mais fundo, na terra saudável do carisma e, por isso, possam sustentar a árvore hoje, permitindo que ela seja nutrida, interaja com o ambiente e dê vida a novos brotos que espalham oxigênio.

Papa Leão também pediu às mulheres e homens religiosos que não se esqueçam da sinodalidade. Sinodalidade é, de fato, uma forma de ser Igreja que se sente no coração e no espírito, e que transborda

em gestos, palavras, pensamentos, e a forma como se relaciona com os outros e com o mundo. A conversão sinodal começa com a escuta, com o conhecimento de que o outro tem muito a me ensinar e que o Espírito pode falar através de qualquer pessoa. A vida consagrada possui uma rica tradição de sinodalidade, encontrada em seu próprio DNA. Hoje é indispensável redescobri-la, deixando-nos contaminar pelo Evangelho e vacinar-nos contra toda rigidez, arrogância ou abuso da dignidade de qualquer criatura.

Papa Leão, adotando as palavras do Papa Francisco, nos encorajou a não basear nossa esperança em números ou obras, mas naquele em quem depositamos nossa confiança e para quem “nada é impossível”. Um desafio presente e futuro é ver a pequenez, a diminuição, a fragilidade num espírito de sabedoria. A conversão do coração à pequenez, lida como uma bênção, pode libertar a vida consagrada de uma lógica mundana, tornando-a uma presença profética, capaz de reconhecer com emoção o poder humilde e régio do Amor de Deus que se manifesta em sinais pobres e frágeis, como um bebê nos braços de sua mãe, como um grão de trigo que morre para dar fruto, como pão partido pela vida de todos.

# COP 30 - “A COP DO POVO”

**Ir<sup>a</sup> Barbara Bozak, CSJ**

EUA



**A**COP 30, Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, que abordou os desafios e as respostas necessárias para essa crise ambiental, ocorreu de 10 a 21 de novembro de 2025, em Belém, Brasil. Foi significativo que o Brasil, com sua presidência da COP 30, tenha escolhido Belém para sediar este evento internacional, cidade localizada no norte do país, na foz do Rio Amazonas e na orla da Floresta Amazônica. O Presidente Lula viu isso como uma oportunidade para destacar a importância da bacia amazônica e trazer seus desafios para o centro das discussões. Os 60.000 delegados oficiais foram acompanhados por quase 45.000 pessoas que, embora não pudessem acessar a Zona

Azul, onde as discussões oficiais estavam ocorrendo, participaram da Cúpula dos Povos e de outros eventos paralelos. Isso fazia parte do desejo do Presidente Lula de tornar a COP 30 a “COP dos Povos”.

De fato, a presença do Movimento dos Sem-Terra e de muitos grupos indígenas foi notável. Pessoas de todo o mundo, dos cinco continentes, vieram para fazer ouvir suas vozes na Cúpula dos Povos e na COP 30. As Irmãs de São José foram representadas por uma delegação de 13 membros, leigos e religiosos, vindos do Brasil, Canadá e Estados Unidos.

Participamos da Cúpula dos Povos, assistindo a sessões sobre Transição Justa e o papel

das mulheres, entre outros temas, interagimos com uma comunidade ecumênica em eventos patrocinados pela Tapiri e participamos de outros eventos promovidos pela Igreja e organizações religiosas. Um momento marcante foi a marcha pública de sábado de manhã, quando nos juntamos a mais de 70 mil pessoas para caminhar pela cidade, erguendo nossas vozes para proteger o meio ambiente, eliminar os combustíveis fósseis, ouvir os clamores dos povos indígenas e proteger os defensores dos direitos humanos, cujas vidas são frequentemente ameaçadas.

Muitos ficaram desapontados com o resultado da COP 30, incluindo o fato de o termo “combustíveis fósseis” ter



**Geneviève (canadense), Irmãs: Joilma, Arzila, Regina Celia, Simone e Barbara se preparam para a marcha em Belém**

sido removido do texto final, em parte devido à presença de interesses petrolíferos, tanto de países quanto de corporações. O fato de os Estados Unidos não terem enviado uma delegação à reunião foi mais positivo do que negativo, visto que os EUA frequentemente bloqueiam qualquer avanço ao apoiar grandes empresas e outros interesses que não se preocupam com o meio ambiente e os direitos humanos.

Entre os aspectos notavelmente positivos da COP 30, destacou-se a forte presença visível de

muitos grupos indígenas do Brasil e de outros países. Na Zona Verde, os indígenas estavam por toda parte, exibindo sua cultura e dando voz às suas preocupações. Embora 360 indígenas tivessem sido admitidos na Zona Azul e pudesse interagir com os tomadores de decisão, eles não tiveram voz nas negociações oficiais. Mesmo assim, sua presença foi importante. Um dos resultados positivos notáveis foi que, ao final da COP 30, o Brasil reconheceu oficialmente 15 territórios indígenas. Sem dúvida, a forte presença indígena influenciou

esse reconhecimento.

O que ficou muito claro, da perspectiva de alguém que estava à margem das reuniões oficiais, foi o poder das pessoas de fazerem progressos e promoverem mudanças a partir da base. Se as organizações internacionais e os governos nacionais não conseguirem encontrar um caminho para enfrentar as mudanças climáticas, a destruição do meio ambiente e da biodiversidade, as pessoas comuns, trabalhando juntas, podem fazer a diferença. Essa foi uma das grandes lições da COP 30.

# IRMÃS DE SÃO JOSÉ NA COP30: UNINDO VOZES NA DEFESA DA VIDA E DA CASA COMUM

**Ir<sup>a</sup> Eliana Aparecida dos Santos, CSJ**

*Brasil*



De 11 a 21 de novembro de 2025, Belém (PA) sediou a COP30, reunindo lideranças, movimentos sociais e organizações do mundo inteiro para enfrentar a urgência climática. As mudanças do clima já provocavam secas extremas, enchentes e ondas de calor que atingiam de maneira desigual as populações mais vulneráveis como os povos indígenas, comunidades tradicionais e moradores de periferias, entre tantos outros acontecimentos climáticos extremos. Nesse evento mundial, a Congregação das Irmãs de São José de Chambéry

marcou presença com um grupo de Irmãs, leigos da Rede São José da América Latina e Caribe, leigas das Irmãs de São José do Canadá, Irmãs do Instituto São José, Irmãs de São José de Rochester, da comissão JPIC, do Conselho Provincial e com Ir. Barbara Bozak representante das Congregações de São José na ONU.

O grupo, participou ativamente da Cúpula dos Povos, evento paralelo à COP 30, organizado por mais de 1.000 movimentos sociais e populares do mundo que ofereceu um espaço autônomo e plural para debater soluções reais para

a crise ambiental, partindo das experiências de quem vive diretamente os impactos das enchentes, secas, desmatamentos e violações territoriais. Ocorrido entre 12 e 16 de novembro na Universidade Federal do Pará. O evento reuniu milhares de pessoas em um ambiente de intensa troca de saberes e resistência. Apesar de o espaço ser amplo na universidade, a organização enfrentou dificuldades relacionadas à alimentação, água e distribuição dos ambientes. Mesmo assim, a energia coletiva e a diversidade cultural tornaram o encontro um grande marco de mobilização



*Irmãs: Eliana, Arzila, Simone, Regina Celia, Joana, Joilma e Aline na Cúpula dos Povos*

global. As Irmãs de São José participaram de reflexões sobre direitos das mulheres, dos povos indígenas, dos povos da Amazônia, energia sustentável, transição energética justa, entre outros, fortalecendo o compromisso da Congregação com a justiça climática e o cuidado da Casa Comum.

Ao final da Cúpula, foi divulgada a Declaração da Cúpula dos Povos e entregue

às autoridades da COP 30, resultado das contribuições coletivas de movimentos e organizações de todo o mundo. O documento denuncia modelos econômicos que priorizam o lucro em detrimento da vida, destaca a situação crítica dos povos mais afetados pela crise e defende a participação popular, proteção dos territórios, soberania alimentar, transição energética justa

e responsabilização de grandes corporações e países poluidores. Reafirma também que somente a união e organização dos povos permitirá enfrentar as causas profundas da crise climática e construir um futuro sustentável.

Durante os outros dias da COP 30, o grupo de Irmãs e leigos acompanhou eventos e discussões oferecidos na Zona Verde (espaço aberto à população).

# MANUAL DE PROCEDIMENTOS ECONÔMICOS: UM COMPROMISSO COM A GESTÃO ORIENTADA PELA MISSÃO

Ir<sup>a</sup> Laveena D'Souza, CSJ

CIF



A vida religiosa não é apenas uma vocação espiritual — ela também acarreta uma responsabilidade econômica. Toda congregação, independentemente do contexto geográfico, reconhece o papel vital dos recursos humanos e materiais na sustentação de sua missão. A administração eficaz desses recursos reflete a dedicação de uma congregação à sua missão, à sua comunidade e à Igreja. Com isso em mente, a Comissão Internacional de Finanças de nossa congregação passou os últimos dois anos desenvolvendo uma reflexão abrangente sobre a administração econômica. Orientada pela Irmã

Mariaelena, ex-Tesoureira geral, e pela Irmã Maria Cristina, Conselheira Geral e responsável pelas finanças, a comissão — composta pela Irmã Barbara Mullen (EUA), Irmã Apolonia e Irmã Neuza (Brasil), Irmã Marianne (Dinamarca), Irmã Shilpa e Irmã Snehal (Índia) — elaborou o Manual de Procedimentos Econômicos (MPE). Este manual serve como um chamado à gestão responsável e alinhada à missão dos bens temporais.

O MPE está estruturado em três seções principais: a Parte I trata da administração de bens temporais; a Parte II destaca o pessoal e as estruturas financeiras; e a

Parte III aborda a gestão do patrimônio de acordo com o Direito Canônico.

A primeira parte descreve como a Congregação administra seus recursos em consonância com sua missão e carisma. Enfatiza o discernimento, o planejamento estratégico e a sustentabilidade dos ministérios, garantindo que permaneçam fiéis aos valores do Evangelho e ao carisma da Congregação. Também ressalta a importância dos controles internos, da colaboração com profissionais externos qualificados e da educação financeira para todos os membros, promovendo a responsabilidade compartilhada em toda a Congregação. A



segunda parte detalha os papéis e as responsabilidades dos indivíduos e das estruturas organizacionais envolvidas na administração financeira em vários níveis. A terceira parte aborda a administração do patrimônio, garantindo que todas as práticas sejam consistentes com as normas canônicas e os valores da Congregação.

O MPE afirma que as decisões econômicas nunca são neutras. Elas podem tanto fomentar relações baseadas na justiça e na solidariedade quanto contribuir para a exclusão e a indiferença. Uma abordagem da economia centrada nas pessoas é essencial – uma abordagem que honre a dignidade de cada membro, especialmente

os vulneráveis e os idosos, e priorize o serviço em vez da mera eficiência.

O MPE enfatiza que a responsabilidade financeira não se limita aos tesoureiros ou aos conselhos de liderança. Todos os membros são chamados a compreender os aspectos econômicos e financeiros da vida da Congregação. A formação, especialmente para os membros mais novos, promove “o lado humano da economia”, incentivando a simplicidade, a gratidão, a preocupação com os pobres e o cuidado com a criação, como enfatiza o Papa Francisco na Laudato Si’.

Em última análise, a Congregação considera sua vida econômica como parte de sua missão. Como nos lembra o Papa Francisco, quando cuidamos dos bens que nos foram confiados e os compartilhamos para que ninguém fique necessitado, contribuímos para a construção de um mundo mais justo e esperançoso.

# NOVAS SANTAS

Ir <sup>a</sup> Joan Francis Mooney	91	Estados Unidos	06.11.2025
Ir <sup>a</sup> Maria Benigna	89	Brasil	15.11.2025
Ir <sup>a</sup> Ida Amelia Comin	97	Brasil	07.12.2025

## VOZES DA AMAZÔNIA NA CÚPULA DOS POVOS: UMA EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA

Ir<sup>a</sup> Joana Mendes, ISJ

Congregação de Rochester, Brasil

Recentemente, tive o privilégio de participar da Cúpula dos Povos Rumo à COP30, um evento paralelo, e durante parte dos dias, da realização da COP30, um espaço de resistência e proposição que ocorreu em Belém do Pará. Foi uma experiência verdadeiramente rica e inspiradora e um forte lembrete de que as soluções reais para a crise climática não vêm sem a participação das populações Indígenas e ribeirinhas, pois são eles que vivem na linha de frente dos impactos. Toda a criação sofre os impactos diretos, porém quem é mais penalizado são as populações que vivem nas comunidades da região Amazônica, sobretudo as que vivem do extrativismo.

Durante o evento, participei em diversas

atividades focadas na transição energética e seus impactos diretos nos territórios e modos de vida dos diversos povos, com ênfase especial nas comunidades indígenas e ribeirinhas. As discussões ressaltaram a necessidade urgente de uma transição justa, que respeite os direitos territoriais e inclua a sabedoria ancestral desses povos, em vez de impor “falsas soluções” que frequentemente geram mais conflitos e desigualdades.

Um espaço de reflexão profunda foi o Tapiri Ecumênico e Inter-Religioso, onde os temas discutidos ressoaram com o conceito do Cuidado com a Casa Comum, tão enfatizado pelo Papa Francisco. Pudemos ver que, a espiritualidade e a fé se uniram à luta por justiça climática e democracia, sublinhando que a crise

ambiental é, antes de tudo, uma crise ética e espiritual que exige uma mudança radical de mentalidade e ação. Embora rica a discussão, senti que nós do meio religioso, diversificamos demais as atividades em espaços distantes, separadas do espaço que foi organizado pela Cúpula dos Povos. Talvez tivéssemos fortalecido nossas lutas se houvesse uma maior unidade. Sinto que muitas vezes estamos falando de nós para nós.

As discussões na Cúpula também deram grande visibilidade às iniciativas agroecológicas como caminhos reais e sustentáveis de produção de alimentos e conservação ambiental. Essas práticas demonstram que é possível conciliar a produção com a regeneração dos ecossistemas, a





**Irmãs Nilva, Regina Celia, Joana, Eliana, Simone, Arzila, Joilma com 2 indígenas em Tapiri**

sustentabilidade, valorizando o conhecimento dos agricultores familiares e povos tradicionais.

Foi para mim uma grande honra participar como Irmã de São José de Rochester, juntamente com 8 outras Irmãs e leigos da Família São José.

O ponto culminante

em Belém foi no dia 16 de novembro, durante um Ato Político de encerramento, onde tive a oportunidade de participar da entrega de dois documentos cruciais – a “Carta Final da Cúpula dos Povos” e a Carta das “Crianças e Adolescentes da Cúpula das

Infâncias” – às autoridades do Governo Brasileiro e representantes da embaixada da COP30. Esses documentos sintetizam as demandas e propostas coletivas dos movimentos sociais, clamando por participação popular e soberania dos povos nas decisões sobre o clima.

A Cúpula dos Povos demonstrou, mais uma vez, que não é possível enfrentar a crise climática sem enfrentar a desigualdade. Saio de Belém com a certeza de que a união dos movimentos sociais, das Igrejas e dos povos tradicionais na defesa da demarcação das terras indígenas, da preservação da nossa “Casa Comum” e o respeito aos territórios, é a chave para construir um futuro sustentável e justo. É preciso seguir lutando e fortalecendo nossas lutas!

## QUE ESPERANÇAS E DESAFIOS AS IRMÃS DE SÃO JOSÉ TROUXERAM DA COP30?

**Ir<sup>a</sup> Eliana Aparecida dos Santos, CSJ**

**Brasil**

**A** participação das Irmãs de São José na COP30 foi marcada por fortes experiências de esperança, compromisso e

escuta profunda dos povos da Amazônia e de diversas partes do mundo.

Para a Irmã Eliana Aparecida dos Santos

(Chambéry), estar no evento foi vivenciar a beleza da diversidade humana e cultural unida pelo cuidado da vida e da floresta. Ela ressalta que somos



parte da natureza – terra, água e ambiente – e que tudo está interligado, reforçando a importância de proteger aquilo que também somos.

A Irmã Joilma Jesus de Matos (Chambéry – JPIC) destaca a força das lutas e reivindicações dos povos, movimentos e pastorais, afirmindo que o compromisso das Irmãs de São José é promover Justiça, Paz e Integridade da Criação, construindo unidade na diversidade e incentivando o cuidado com a casa comum junto aos leigos e comunidades.

Já a Irmã Simone Xavier (Instituto), que vive em uma região marcada pela exploração da madeira e do ouro, diz que sua realidade ecoa na COP, onde testemunhou o protagonismo de jovens e mulheres. Ela critica o muro que separa povos originários das lideranças globais, simbolizando uma COP 30 cheia de esperança, mas também de dor e injustiças.

A Irmã Joana Mendes (Rochester), recorda com emoção a marcha e a entrega do documento final às autoridades, especialmente pela participação de crianças e adolescentes.

Regina Célia List (Chambéry), reforça que ouvir os povos originários é essencial, pois são eles que enfrentam as dificuldades da vida nas comunidades amazônicas. Ela lembra que a subsistência dessas populações depende dos rios, das matas e



**Delegação da CSJ em Belém: Geneviève (canadense), Irmã Arzila, Sasquia (canadense), Irmã Nilva, Irmã Bárbara, Irmã Regina Celia, Irmã Joana, Irmã Joilma, Irmã Simone e Irmã Eliana**

de toda a biodiversidade, e que seu modo de vida é guiado pelo respeito profundo à natureza.

Irmã Nilva Dal Bello (Chambéry – Rede) celebra o encontro de tantas pessoas comprometidas com o cuidado da vida e considera este um momento histórico, capaz de inspirar um legado para as futuras gerações. Para ela, a participação das Irmãs de São José, fortalece a missão de proteção da vida e da casa comum.

Irmã Aline Tessaro (Chambéry) destacou que foi uma experiência inspiradora para nós, Irmãs de São José, ao testemunharmos o protagonismo feminino na luta por justiça climática. As falas das ministras e lideranças reforçaram o protagonismo das mulheres na sociedade e na cultura. A frase “mulher sustenta mulher” marcou profundamente esse encontro.

Irmã Bárbara Bozak (Chambéry – ONU), destaca a importância de escutar diretamente as comunidades afetadas pela crise climática, para que suas vozes sejam levadas aos espaços de decisão global.

Por fim, Irmã Ana Amélia Miranda (Chambéry) fala da responsabilidade de proteger os bens naturais, especialmente a água potável que sua comunidade em Marituba partilha com as famílias vizinhas, defendendo políticas públicas que garantam a preservação da natureza e de bens essenciais à vida.

Todas as falas revelam um profundo compromisso com a justiça socioambiental, a defesa dos povos da Amazônia, a proteção do planeta e a construção de um futuro sustentável, justo e integrado para todas as formas de vida.

# ATELIÊ DE ARTE FLORAL: SEMENTES DE PAZ E ESPERANÇA

Ir<sup>a</sup> Jona Chinnappan, CSJ

França

**D**e 05 a 13 de setembro de 2025, a Província França/Bélgica das Irmãs de São José de Chambéry teve o prazer de sediar um Ateliê de Arte Floral no Bois Joli com o tema: "Sementes de Paz e Esperança", um tema escolhido no éco da 10<sup>a</sup> Jornada Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação.

Este Ateliê, organizado para ser realizado no Mês da Criação, reuniu treze participantes de diferentes

lugares da Europa para compartilhar um tempo de criação, de contemplação e de comunhão.

A associação Arte Floral, que existe há 30 anos, se desloca todos os anos para diferentes regiões da França. Seus membros concebem composições inspiradas pela beleza do lugar que os acolhe. O estágio, com duração de dez dias, alterna três dias de criação floral e vários dias de descoberta da região, permitindo, ao mesmo tempo,

uma imersão artística, humana e espiritual.

No decorrer do mês de setembro, as comunidades da Província vivenciaram vários momentos fortes, espirituais e comunitários, com o tema da criação. A primeira semana foi dedicada à leitura e meditação, em comunidade, da Mensagem do Papa Leão XIV para o Dia Mundial de Oração pela Criação. Durante a segunda semana, fizemos uma oração no jardim, com perspectiva de plantar um arbusto



No jardim de Bellecombe com as criações florais

oferecido pelos jovens com as ofertas recebidas do vigário da paróquia, por ocasião da celebração dos votos perpétuos de onze Irmãs, no dia 15 de junho de 2025. Este gesto simbólico exprime a vida que cresce no seio da Família São José entre as jovens gerações. Na terceira semana, houve uma colaboração entre as Irmãs e os participantes da Oficina de Arte Floral, no Bois Joli para compor «arranjos florais» inspirados pela natureza e a paz – verdadeiras orações em flor. Após, foram expostos 150 buquês ao redor da casa de Bellecombette e daquela de Bois Joli. Na quarta semana, foi realizada

a leitura da Mensagem das Conferências e dos Concílios Episcopais Católicos, seguida por reflexões e intercâmbios fraternos nas Comunidades, conforme a disponibilidade de cada uma.

Para concluir o mês, foi celebrada uma Missa muito animada e amigável, organizada com os residentes do Clos Saint Joseph, Asilo de idosos, integrando uma partilha intergeracional, memória e admiração pelas vivências que tiveram.

Esse Ateliê de Arte Floral não apenas embelezou os lugares, mas possibilitou criar vínculos com as Irmãs da Comunidade através da

visita à Sala da Memória e aprofundamento da fé, arte e ecologia integral. À partilha das experiências da semana, juntaram gestos criativos e contemplação. Os participantes redescobriram que cuidar da criação é também ter cuidado uns com os outros. As sementes de paz e de esperança, semeadas no decorrer destes dias, continuarão, sem dúvida, a florescer nos corações e nas comunidades, como um apelo a viver na simplicidade, na gratuidade e na comunhão.

Com Santo Inácio, procuremos encontrar Deus em todas as coisas e em todas as circunstâncias de nossa vida.

## NOSSA PEREGRINAÇÃO NA FRANÇA - UMA JORNADA INTERIOR

### Ir<sup>a</sup> Selina (Pachmarhi) e Ir<sup>a</sup> Veena (Tanmaya)

Índia

**A**o refletirmos sobre os dias que passamos na França, no berço de nossa Congregação, sabemos que este foi um evento marcante em nossas vidas. Foi, de fato, uma experiência de retorno ao lar, vivenciando nossa espiritualidade, o carisma da comunhão e a

interculturalidade. Algumas de nós fomos profundamente tocadas por nossas Irmãs pioneiras, cuja vida era simples e que seguiram em frente com determinação incansável e coragem inabalável. Ficamos muito felizes em caminhar pelas ruas de Le Puy, trilhadas por nosso fundador, Padre Médaille,



e nossas Irmãs pioneiras. Essa experiência nos trouxe bênçãos, força e coragem para seguir em frente com bravura.

Em Chambéry, experimentamos o amor e o cuidado de nossas Irmãs. Sua alegria radiante, disponibilidade e companheirismo foram um fermento de unidade

para todos aqueles com quem encontraram. Todas partimos com gratidão por esta peregrinação, uma experiência maravilhosa, memorável e enriquecedora para cada uma de nós.

- Ir<sup>a</sup> Selina

**A**o refletir sobre o zelo missionário, a sensibilidade e a disponibilidade de nossas cofundadoras e fundadora durante nossa peregrinação à França, fui profundamente inspirada pelo chamado para ser uma presença transformadora, como a semente que gera vida em comunhão, espalhada por cinco continentes.

Em meio à agitação política e às guerras, nossa Congregação surgiu graças ao coração sensível e compassivo do Padre Médaille. Ele ouviu os clamores das vítimas da pobreza e do sofrimento físico e mental causado pela guerra. Muitas vezes, o "Pequeno

Projeto" foi abalado pela Revolução Francesa e pela Lei da Laicidade. No entanto, nossa Congregação permaneceu firme contra essas fortes tempestades. A chama do carisma da Caridade Cordial, embora ferida, encontrou novo vigor na árvore mutilada. Novas comunidades foram reorganizadas e centenas de irmãs deixaram a França — navegando por meses através dos oceanos — levando consigo o sonho, a missão e o carisma do Pequeno Projeto. Elas lançaram novas formas de ação e ministérios, fortalecendo as missões em outros países europeus, no Brasil, nos Estados Unidos, na Índia, na África e em outros lugares.

A celebração dos 375 anos, presidida pelo Arcebispo da França, Dom Thibault Verny, juntamente com padres, LLPPs, leigos e Irmãs de outras congregações, foi uma experiência incrível e enriquecedora. A união e

a forma como tocamos as pessoas com a nossa presença tornaram-na verdadeiramente memorável. A Província da França abrilhantou esta ocasião solene de uma forma incrível e significativa. É verdadeiramente uma experiência para refletirmos pelo resto das nossas vidas.

A minha sagrada visita à França tocou-me profundamente, uma história de grande amor. A minha estadia na França deu-me energia renovada e coragem para viver plenamente pela Congregação e pelo nosso querido próximo. A Província Francesa, apesar dos seus desafios, continua a manter a chama acesa através de uma presença transformadora e ativa. Como a semente que gera vida em comunhão, vivem como uma só família.

Mantenhamos viva a nossa esperança através da nossa fidelidade

- Ir<sup>a</sup> Veena



Visitando os aposentos da Madre Saint Jean Fontbonne em Lyon

# 70 ANOS DE HISTÓRIA, UM ATO DE BONDADE

Irmã Nidhi Perumpilly, CSJ

Tanmaya/Índia



**E**m preparação para seu Jubileu de Platina, no dia 26 de novembro, o Colégio St. Joseph's Convent, em Ratlam, na Índia Central, acrescentou mais um capítulo significativo às suas comemorações ao longo do ano, realizando seu primeiro evento de doação de sangue. Como parte das atividades que marcam o 70º aniversário da instituição, a iniciativa —

organizada em colaboração com a Faculdade de Medicina Dr. Lakshminarayan Pandey — destacou-se como um dos pontos altos do ano do Jubileu, refletindo o compromisso duradouro da escola com a compaixão, o serviço e a comunidade.

O local foi supervisionado pela Dra. Anita Mutha, diretora da escola, juntamente com a

Dra. Prathishta Patidar e o Dr. Ritesh Gurjar, chefe do Banco de Sangue. O assistente social, Sr. Govind Kakani, foi reconhecido por seu papel em dar vida ao projeto, enquanto os professores coordenaram os preparativos sob a orientação da Sra. Deepti Sharma e da Sra. Purnima Gupta.

O auditório da escola foi transformado em um vibrante centro de doações, completo com balcões de inscrição, áreas de triagem médica e zonas de descanso. A atmosfera foi moldada pela presença de Irmãs, professores, pais, ex-alunos e cidadãos de toda Ratlam - cada um trazendo um espírito de generosidade e união.

Um total de 115 pessoas, incluindo Irmãs, professoras e pais, se apresentaram, resultando na coleta de 115 unidades de sangue. Os doadores receberam uma garrafa



Irmã Nidhi (segunda da esquerda) e outras Irmãs, na clínica de doação de sangue



*Equipe médica reunida em torno de um doador de sangue*

de aço de 500 ml como agradecimento, enquanto a equipe médica visitante elogiou a organização profissional e os altos padrões de higiene.

Um doador de sangue falou sobre sua experiência com estas palavras: "Depois de doar sangue, senti como se tivesse me tornado uma fonte de esperança para alguém que eu não conhecia.

Esta experiência é realmente especial."

Irmã Flora expressou sentimentos semelhantes: "Senti-me grata por este nobre ato poder ajudar a salvar a vida de alguém. Encheu-me de profunda alegria e felicidade saber que pude fazer parte da vida de alguém de uma forma tão significativa."

Para muitos doadores de primeira viagem, a

experiência foi transformadora. Uma mulher admitiu ter-se sentido nervosa no início, mas mais tarde descreveu-se como "a pessoa mais afortunada" por participar nesta nobre causa.

Outros captaram o momento com humor e orgulho. Um dos pais partilhou: "Acabei de doar sangue — o meu braço está um pouco dolorido, mas sinto-me um super-herói! Um enorme agradecimento à equipe por tornar tudo indolor."

A diretora da escola, Irmã Nidhi, expressou sincera gratidão à equipe médica, aos voluntários e à comunidade escolar, enfatizando que tais iniciativas inspirariam as futuras gerações a agir com responsabilidade e bondade.

A Campanha de Doação de Sangue não apenas enriqueceu as comemorações do Jubileu de Platina da escola, mas também transmitiu uma mensagem universal: mudanças significativas começam quando as pessoas escolhem se importar.

## EDIÇÃO

Ir<sup>a</sup> Barbara Bozak  
Ir<sup>a</sup> Eliana Aparecida dos Santos  
Ir<sup>a</sup> Leni Menegat

## PROJETO GRÁFICO

Ir<sup>a</sup> Laveena D'Souza

## TRADUÇÕES

Anette Jensen  
Ir<sup>a</sup> Cristina Gavazzi  
Ir<sup>a</sup> Margherita Corsino  
Ir<sup>a</sup> Maria Elisabete Reis  
Ir<sup>a</sup> Marie-Josephe Chorot  
Ir<sup>a</sup> Preeti Hulas  
Ir<sup>a</sup> Ivani Maria Gandini

## DISTRIBUIÇÃO

Monica Bianchini  
[www.csjchambery.org](http://www.csjchambery.org)

## E - MAIL

[icc@csjchambery.org](mailto:icc@csjchambery.org)